



No Arco do Cego já há paz com os estudantes. O pior são “os outros”

Moradores querem encontrar soluções em conjunto com os estudantes e a Câmara de Lisboa. “Imaginar que [este tipo de conflito] pode ser eliminado é uma ilusão”, considera o sociólogo João Sedas Nunes

Lisboa
Margarida David Cardoso

Cerca de 30 estudantes do Instituto Superior Técnico (IST) participaram na manhã de ontem numa acção de sensibilização e limpeza do jardim do Arco do Cego, já conhecido como o “cervejómetro” de Lisboa. A iniciativa Um Jardim para Todos partiu da Junta de Freguesia de Avenidas Novas, que convocou a Associação de Estudantes do IST, sob o manifesto agrado da Associação de Moradores do Arco do Cego, também presente no jardim esta manhã. A posição das três partes envolvidas é unânime: não há qualquer guerra entre moradores e estudantes do IST. Mas há “outros” que continuam a gerar queixas.

Como nota o presidente da junta, Daniel Gonçalves, “os jovens do IST estão interessados em manter este espaço limpo, porque, como os moradores, são os maiores afectados pela degradação do espaço”. Degradação pelo lixo acumulado, pelo ruído e pela sobrelocação do jardim. Rosa Ribeiro, da associação de moradores, reforça: “Eles também sofrem como sofrem os moradores. Espero que esta iniciativa permita que outros utilizadores do espaço tomem consciência como isto pode ficar sujo.”

É exactamente aos “outros utilizadores” do jardim que querem chegar. “Como qualquer espaço público, o jardim não é só frequentado por estudantes do Técnico. Há outros estudantes, há trabalhadores, há grupos de jovens que vêm para cá e não estão sensibilizados nem preocupados com este espaço”, acredita Rosa Ribeiro.

A associação de moradores foi criada em Junho deste ano, face à “saturação com a situação do jardim, que já estava muito grave”, nas palavras de Raquel Paisana, presidente da associação. “Mas desde então tem havido um crescendo de barulho, de lixo, de insegurança”, queixa-se. Os estudantes vão reunir-se na próxima semana com os moradores para que possam ser encontradas “soluções conjuntas” para este problema. “Nós fazemos parte da solução, não



O jardim tornou-se num ponto de encontro de jovens

3 PERGUNTAS A JOÃO SEDAS NUNES

Existe uma tendência grupal por parte dos jovens?

Sim, não é nada de extraordinário esta tendência ampla para formarem grupos, mas associa-se a processos sociais específicos. Basta pensar que os jovens fazem parte da vida em contexto escolar e estes contextos propiciam a formação de grupos.

As cidades portuguesas estão preparadas para lidar com a tendência grupal dos jovens?

É uma utopia controladora pensar que se fazem coisas para inserir a integração juvenil. Em bom rigor os jovens não precisam disso para nada, como, em regra geral, os actores sociais precisam pouco. Verifica-se muito nas camadas juvenis que os protagonistas inventam de algum modo o seu próprio quotidiano e produzem formas sociais novas. Quando criamos infra-estruturas que sedimentem as práticas juvenis, muitas vezes, vemos que os jovens se apropriam de espaços que não imaginávamos *a priori*.

O que pode preparar os locais para uma convivência sem conflito?

Porque é que uma coisa é incompatível com a outra? A vida social é feita de convivência e de conflito. O conflito faz parte e é uma ilusão pensar que pode ser apagado da vida social. O que interessará é mantê-lo dentro de certos limites, mas imaginar que ele pode ser eliminado é uma ilusão. Ou os espaços são ocupados à vez por grupos diferentes, ou são ocupados hegemonicamente por certos grupos, portanto outros afastam-se dele.

do problema”, reforçou Rodrigo do Ó, presidente da Associação de Estudantes do IST.

Para quem vive com o “cervejómetro” à porta de casa, os problemas vão para além do lixo. Os moradores contestam a venda de álcool nos três estabelecimentos próximos, porque estes não têm esplanada e “obrigam”, segundo os moradores, os clientes a consumir na rua. Soam a isto o ruído, o cheiro a urina e a “transformação deste jardim num ponto de venda de droga”, acrescenta Raquel Paisana.

Para que seja possível fazer uma “intervenção de fundo”, os moradores do Arco do Cego pedem à Câmara de Lisboa que se reúna com as juntas de freguesia envolvidas – de Avenidas Novas e Areeiro – e com os moradores. “Não queremos que se gaste mais dinheiro no jardim até que nos sentemos todos à mesa”, defende Rosa Ribeiro, referindo-se ao gradeamento colocado sobre os muros do jardim, com o qual os moradores não concordam, por verem “que aquilo só serve para colocar copos, de bengaleiro e de assento”.

Segundo a associação de moradores, a restrição do horário de funcionamento dos três estabelecimentos próximos, que antecipou o fecho da meia-noite para as 21h, não é suficiente. Um dos estabelecimentos em causa criou uma petição para que a autarquia volte atrás na decisão de reduzir o horário de funcionamento.

Já João Sedas Nunes, sociólogo e investigador da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, considerou, numa conversa telefónica com o PÚBLICO que, ainda que possa ser mantido “dentro de certos limites”, imaginar que o conflito de interesses diferentes nas cidades possa ser eliminado “é uma ilusão”. O sociólogo destaca que é um fenómeno social comum a sobreposição no tempo de grupos com diferentes faixas etárias em determinados espaços públicos – o que, muitas vezes, gera tensões que só terminam quando um dos grupos se torna hegemónico.

margarida.cardoso@publico